

SENRA, Nelson de Castro; CAMARGO, Alexandre de Paiva
Rio (Orgs.)

Estatísticas nas Américas – por uma agenda
de estudos históricos comparados
Rio de Janeiro: IBGE, 2010, 425p.

ANTONIO AUGUSTO PASSOS VIDEIRA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

252

O livro *Estatísticas nas Américas – por uma agenda de estudos históricos comparados* é uma obra ambiciosa. Nem poderia ser de outra natureza. Resultado principalmente de dois seminários, ocorridos ambos na cidade do Rio de Janeiro no ano passado, seu objetivo, como apontado pelos seus organizadores, encontra-se no apoio ao estudo sistemático, coletivo e de longo prazo sobre a presença e a influência das ciências estatísticas nos países americanos, sejam eles latino-americanos ou norte-americanos. Além de procurar fomentar e disseminar o estudo das estatísticas na região americana – desde o Canadá até o Uruguai, passando por Argentina, Brasil e México –, o livro ora em tela preocupa-se em defender uma certa atitude com relação ao modo pelo qual esses estudos devem ser realizados. Segundo os seus organizadores e autores, a atitude mais adequada é aquela que enfatiza os chamados estudos comparativos. Em outras palavras, a compreensão do que se passou e passa em um determinado país pode ser importante e esclarecedor daquilo que aconteceu, bem como continua a acontecer, em outros.

Ainda que o livro reúna os trabalhos apresentados e discutidos nos seminários ocorridos no IBGE e na LASA 2009, ele inclui outros textos, como as duas preciosas e instrutivas entrevistas realizadas com dois dos mais importantes pensadores das estatísticas em nosso continente – o franco-canadense Jean-Pierre Beaud e o argentino Hernán Otero –, que apresentam estudos detalhados sobre a evolução e a influência das estatísticas em diferentes contextos nacionais. A inclusão desses diferentes textos provoca, como efeito final, uma heterogeneidade interessante, ainda que dificulte o meu trabalho, uma vez que a riqueza desse livro impede uma análise acurada do seu conteúdo. É claro que, ao lado da imensa riqueza temática de todos os seus capítulos, acompanhada de uma fina compreensão conceitual, outro fator que impede a consecução da tarefa a que me propus é a minha enorme ignorância do assunto. A meu favor, diga-se que essa ignorância é muito menor agora, terminada a leitura dessa obra, que, tenho certeza, constituirá um marco nos estudos das ciências estatísticas nos países do continente americano. Digo marco, pois todo aquele que se debruçar sobre o livro organizado por Nelson de Castro Senra e Alexandre de Paiva Rio Camargo ganhará muito com a sua leitura.

As 425 páginas do livro estão divididas em 20 capítulos, entre os quais as duas entrevistas já mencionadas. Os 20 capítulos estão organizados em cinco partes, a saber: Abordagens historiográficas (1ª); Narrativas sócio-históricas: Estados e instituições (2ª); Narrativas sócio-históricas: ciência e técnica (3ª); Como seguir adiante? (4ª); e Trajetórias intelectuais (5ª). Respeitando aquilo que me parece a tônica dominante até o presente momento, a maioria dos capítulos insere-se na perspectiva sócio-político-cultural que domina a historiografia dos países representados no livro: Argentina, Brasil, Canadá e México. Os capítulos que obedecem a essa perspectiva descrevem e analisam a introdução da estatística no cenário político e social de cada uma dessas nações. Em particular, mostra-se como a estatística foi usada para organizar os novos Estados nacionais.

Contudo, ao lado dessa perspectiva certamente importante, existe uma outra, que penso ser ainda pouco representada na história da ciência de nossos países, com a exceção dos Estados Unidos, país, aliás, ausente dessa coletânea. Essa segunda perspectiva, presente de modo ainda tímido, é a técnico-conceitual. A história da ciência – ao menos no Brasil – avançou bastante nas últimas três décadas a partir da opção consciente por uma perspectiva institucional. Tal adoção nos permitiu compreender melhor de que modo a chamada ciência moderna inseriu-se no ambiente da ex-colônia portuguesa e da jovem nação independente a partir de 1822. Até onde posso perceber, o mesmo movimento correu nos países de língua espanhola. Desse modo, os estudos mais focados em aspectos conceituais receberam menos atenção. Creio que essa situação deve mudar o quanto antes. Já é tempo de se tentar compreender as inovações, que certamente existiram, fornecidas por latino-americanos ao desenvolvimento da ciência. Para isso, é necessário compreender de que maneira as diferentes ciências foram incorporadas por cientistas, intelectuais e técnicos locais. Assumir que esse processo foi de mera recepção é incorrer em grave erro. O presente livro, em particular nos seus capítulos 12 e 13, constitui um exemplo de que as estatísticas, para se tornarem elementos úteis aos propósitos das camadas dominantes dos países da região americana, tiveram que passar por uma série de transformações, operadas por “cientistas” locais.

Estatísticas nas Américas – por um agenda de estudos históricos comparados é uma obra madura. Praticamente todos os seus participantes possuem larga estrada nesse domínio. A título de exemplo, é suficiente mencionar Nelson de Castro Senra, organizador e autor de uma monumental história das estatísticas brasileiras em vários volumes que somam mais de 3000 páginas. A menção à maturidade explica-se pela seguinte razão: a pretensão dos organizadores e autores de, com essa obra, “pautar” as próximas investigações históricas, epistemológicas e metodológicas no campo das estatísticas deve ser levada a sério. Evidentemente, os primeiros a reagirem à pauta proposta no livro deverão ser Senra, Camargo, Otero, Beaud, Daniel e todos os demais participantes do livro.

Para finalizar esse informe – seria um exagero considerá-lo uma resenha –, gostaria de cumprimentar o IBGE pelo apoio dado seja à organização do simpósio que ocorreu em suas dependências, seja pelo suporte fornecido aos seus funcionários, que se dedicam a estudar e a disseminar o seu riquíssimo acervo documental.

Em suma, *Estatísticas nas Américas – por um agenda de estudos históricos comparados* é obra que deve ser obrigatoriamente conhecida, lida e estudada por todos que se interessam pela história da ciência, pela história política ou ainda pela história social do continente americano. Trata-se, pois, de obra de referência, além de ser uma oportunidade excelente para se aprender muito sobre o desenvolvimento das ciências estatísticas em nossos países. Para um neófito nesses domínios, como eu, foi uma oportunidade ímpar.